

# Carlos Drummond de Andrade – Papinho lírico no dia dos namorados

Dá licença?

Quer ser seu namorado a vida inteira  
pois tenho uma reserva imensa  
de ternurinhas e meninice arteira.

Quero brincar como nos primeiros dias  
de namoreco sem declaração.

Curtir as pequeninas alegrias  
como quem não quer nada de novo não  
(mas quer,  
pois o homem não é mais simples que a mulher).

Pegar, é claro, nos teus dedos  
só para ver como reagem  
e, achando graça nos teus falsos medos,  
murmurar: Coragem!

Fingir que me esqueci do combinado  
no parque, para ver se sentes falta  
de mim  
e surgir da moita de capim,  
com a minha calva luzidia e alta,  
dizendo: Que desgraçado!  
Mas você por aqui, meu alfenim?

Ou me esconder atrás da porta,  
miando que nem gato,  
e continuar miando, já reconhecido,  
a fazer o estranhíssimo relato  
de que uma fada torta  
me transformou num bicho assim todo encolhido.

Que te dar bombons, e logo após  
– o lalá! ora veja! –  
pedir que me passes a cereja  
de boca a boca: é mais gostosa  
se a trincarmos a sós  
enquanto os dedos vão tecendo  
uma carícia lenta e silenciosa,  
e tão eletrizantes que vó vendo.

Y otras cositas más que nem te conto.  
ó minha sempre namorada,  
mas decerto adivinhas este conto,  
o mesmo de antes e a cada hora diferente  
assim como é a gente  
que se ama de antigo amor presente  
e não se cansa e nem se vai cansar  
de um certo suaviardente, antigo e encantador  
namoramor.

**Carlos Drummond de Andrade, Poesia Errante**